

Uma Venda de Secos e Molhados no Século XIX Mineiro: análise de uma imagem fotográfica

Cláudia Eliane P. Marques Martinez

Mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela Universidade de São Paulo. É docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente é Coordenadora do Curso de Especialização em *Patrimônio e História*.

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão teórico-metodológica acerca de uma imagem do final do século XIX. Trata-se de uma fotografia na qual se destaca a venda "A Fidelidade", do Sr. Jovelino de Souza Parreiras. No mesmo documento, identificam-se também várias pessoas e distintos grupos sociais do distrito de Rio Manso/MG. Para este estudo, três categorias de análise foram propostas: **1)** origem e historicidade da imagem; **2)** sistema social e enquadramento das pessoas; **3)** sistema econômico, estrutura material e simbólica. Com base na análise desses atributos, foi possível compor um quadro socioeconômico do Vale do Paraopeba/MG, bem como apontar alguns aspectos culturais da localidade retratada pelo documento histórico.

Palavras-chave: Fotografia; grupos sociais; século XIX; Minas Gerais.

ABSTRACT

This article aims at presenting a theoretical-methodological reflection on a picture dating from the end of the 19th century. This picture shows Mr. Jovelino de Souza Parreiras's shop "A Fidelidade" and portrays several people, as well as distinct social groups from the Rio Manso County in Minas Gerais state, Brazil. Three categories of analysis have been proposed for this study: 1) origin and historicity of the image; 2) social system and classification of the persons; 3) economic system, material and symbolic framework. Based on the analysis of these attributes, it was possible to compose a social and economic frame of the Paraopeba valley in Minas Gerais state, as well as highlight some cultural aspects focused by that historical document.

Keywords: Photography; social groups; 19th century; Minas Gerais.

Uma Venda de Secos e Molhados no Século XIX Mineiro: análise de uma imagem fotográfica

Uma imagem, uma música, um romance ou um “banco ordinário na sala de dentro da fazenda da Cachoeira”.¹ O que “coisas” aparentemente tão distintas têm em comum no campo da História? Relacionados ao universo documental, não é mais necessário explicar/justificar a legitimidade que tais vestígios adquiriram ao longo do século XX, dotando-os de códigos e linguagens específicos (CARVALHO, et al., 1994). No caso da fotografia, muitos são os caminhos, e plurais as análises e procedimentos metodológicos. Em texto recentemente publicado, Ana Maria Mauad e Marcos Felipe de Brum Lopes destacam que, entre o Oitocentos e a segunda metade do século passado, há um deslocamento

[...] do objeto, da ruína, do papel, da imagem, para as práticas sociais que produziram os objetos, construíram aquilo que hoje é a ruína, utilizaram os papéis e criaram as imagens. Na busca pelo sentido da evidência, indaga-se sobre a sociedade que a gerou, ao mesmo tempo que se atribui valor de conhecimento a essa evidência (2012. p. 264).

Pinturas, aquarelas, esculturas, fotografias e imagens diversas permitem, por exemplo, compreender não a história do corpo, mas como os artistas concebiam e registravam os padrões de beleza e feiura; sedução e repugnância; higiene, pobreza e riqueza. Repletas de signos, as imagens não são

traduções do real; mas, se decodificadas, sinalizam hábitos, modas, posturas e arquétipos do comportamento humano – um universo pleno de detalhes materiais e visuais; enfim, um cotidiano no qual homens e mulheres, livres e escravos, estavam inseridos. (LE GOFF; TRUONG, 2006; ROCHE, 2000).

Apesar das contribuições anteriores, sem dúvida é o século XX que dará notoriedade à imagem como fonte; em especial, a fotografia ganha espaço privilegiado nos estudos acadêmicos (KOSSOY, 1980). Segundo especialistas, a despeito da ampla utilização dos recursos visuais nas pesquisas nacionais, a discussão metodológica não acompanhou o ritmo e a densidade teórico-metodológicos necessários (MENESES, 2004).

Não é intenção fazer um levantamento historiográfico, mas vale lembrar aqui dois artigos de Meneses que buscaram refletir sobre o emprego da imagem. Ambos (um de caráter metodológico e outro teórico) congregam reflexões acerca da produção em geral, bem como uma crítica imperativa à produção nacional. (MENESES, 2000; 2012). Por outro lado, chama a atenção para o que autor considera a ilusão do uso da imagem na História. Ou seja, para o emprego do documento iconográfico como ilustração e reforço do texto. Nesse caso, a ausência de critérios específicos marca o tom de boa parte (porém, não toda) da produção brasileira.

¹ Ver: Arquivo Municipal de Bonfim/MG, CSO 02(77), 1856. Bonfim. Fazenda da Cachoeira dos Amorins.

A intenção deste artigo também não é refletir sobre a trajetória da imagem na historiografia brasileira, tampouco apresentar um estudo teórico aprofundado sobre a relação história/imagem. A contribuição é modesta e resume-se à análise de uma imagem fotográfica encontrada no Arquivo Municipal de Bonfim, em 2005, quando da realização de minha pesquisa de doutorado. A tese de doutoramento tinha como um dos focos principais estudar a transformação da cultura material no Vale do Paraopeba/MG, tendo como referência o fim da escravidão (MARTINEZ, 2006).

Naquele momento, uma questão central mobilizava o estudo, elaborado, principalmente, a partir de centenas de inventários *post-mortem*. A economia do Vale manteve-se dinâmica durante quase todo o século XIX; as altas taxas de importação de cativos até as décadas de 1840/50 e uma intensa circulação de mercadorias atestam tal dinamismo. Tropas de mula carregadas com queijo, rapadura, cereais, toucinho, algodão e panos eram levadas ao Rio de Janeiro e retornavam com bacalhau, vinho do Porto, remédios, temperos, instrumentos musicais, tecidos importados e uma gama variadíssima de artefatos, que eram vendidos nos armazéns das vilas e cidades.

Como já mencionado, parte-se do pressuposto de que esse dinamismo socioeconômico foi drasticamente alterado a partir da década de 1880 e acentuou-se vertiginosamente no final do Oitocentos e no começo do século XX. A tese levantada era a de que o fim da escravidão e a transferência da capital modificaram não só as relações econômicas, mas também, e profundamente,

o vínculo que a sociedade mantinha com seus objetos, bens e equipamentos do mundo doméstico e do trabalho. Decorrente dessa problemática, outras questões relacionadas à posse de escravos, à valorização das terras, ao fracionamento das propriedades e à dispersão das grandes fortunas, depois de 1888, também orientaram a investigação. O “desaparecimento”, a admissão, ou mesmo a substituição de alguns objetos no dia a dia dos habitantes, bem como as alterações nos espaços interno e externo das moradias dos diferentes grupos sociais, constituem alguns exemplos percebidos nas fontes.

Em meio a um emaranhado de documentos escritos, a imagem fotográfica de uma casa comercial chamou atenção. Misturadas a outras fotografias que tinham como cenários ruas e casarios das cidades paraopebanas, a citada imagem destacava-se, sobretudo, pelo conjunto de homens e crianças que posavam em frente ao estabelecimento comercial *A Fidelidade*, do Sr. *Jovelino de Souza Parreiras*.

Mais do que a história dessa imagem, este artigo tenta seguir alguns passos e procedimentos metodológicos já apontados por outros estudiosos. (MENESES, 2000).² É preciso, entretanto, que alguns esclarecimentos sejam feitos previamente. Não se conhece o fotógrafo que registrou a imagem estudada, e a datação é difícil de precisar. Seriam informações imprescindíveis e que poderiam, em princípio, inviabilizar o presente estudo? Então, por que estudar essa imagem? Como inquirir tal documento? Partindo da premissa de que fontes escritas igualmente podem trazer lacunas e omissões, por que não estudar uma imagem que carrega também silêncios e omissões? Ademais, não

² A discussão acerca da utilização das fontes visuais, no Brasil, vem sendo alvo privilegiado de alguns estudos. Ver, principalmente, a bibliografia selecionada ao final deste artigo.

será da fonte visual que a análise irá partir, mas de um problema histórico que tal imagem pode ou não elucidar.

Um exercício metodológico de interpretação histórica

A introdução que precede este item informa o principal objetivo delineado aqui, qual seja: interpretar uma imagem fotográfica que tem como cenário uma “venda de secos e molhados” do final do século XIX. Localizada em 2005, faz parte do acervo documental e imagético do Arquivo Municipal de Bonfim/MG.³ A pesquisa realizada buscava, na ocasião, investigar as mudanças ocorridas na cultura material e na economia, tendo como referencial o fim da escravidão em Minas Gerais, em particular no Vale do Paraopeba.

O Vale em questão localiza-se bem no centro da antiga província e, no período oitocentista, abrangia vários distritos, como Ouro Preto, Sabará e Queluz⁴ (PAIVA, 1996; PAULA, 2000). Trata-se de uma extensa área, que, desde sua origem, no século XVIII, conviveu, simultaneamente, com a mineração e a agricultura voltada para o mercado interno – atividades responsáveis pela configuração econômica, social e cultural da região (FRAGOSO; FLORENTINO, 1998).

Pode-se afirmar, a partir do que foi exposto, que a sociedade e a cultura do Paraopeba (com suas vilas e cidades, fazendas

e sítios) possuem características específicas. Do mesmo modo, apresentam atributos gerais que permitem contextualizá-las no interior da realidade oitocentista, com especial atenção àquela que se configurou em regiões voltadas para o abastecimento interno, dentro e fora da província de Minas Gerais.

Por que estudar essa fotografia em especial? O que a particulariza? Vários elementos contidos na imagem são relevantes. O primeiro é o fato de nos mostrar vários indivíduos que, por sua aparência e por seus aspectos físicos, parecem pertencer a diferentes etnias e grupos sociais. Para estudar as múltiplas implicações apresentadas pela fotografia, três categorias de análise foram estabelecidas:

1. origem e historicidade da imagem;
2. sistema social, enquadramento das pessoas e planos fotográficos;
3. sistema econômico, estrutura material e simbólica.

Com base no estudo desses atributos, foi possível compor um quadro socioeconômico, bem como apontar alguns aspectos culturais da localidade enfocada. É preciso ressaltar, no entanto, que as interpretações feitas aqui representam apenas uma face do espelho, ou seja, uma das muitas maneiras de perceber a realidade social e econômica em vigor no final do século XIX brasileiro.

³ Em 1996 foi apresentado à Prefeitura Municipal de Bonfim o projeto *Centro de Memória*. Esse projeto tinha como objetivo principal organizar a documentação cartorial disponível no Fórum e nos Cartórios das localidades circunvizinhas. A partir do acervo disponível, foi possível fundar o Arquivo Municipal da referida cidade.

⁴ O Rio Paraopeba possui uma extensão de 400 km e, na divisão de seus três cursos (superior, médio e inferior), constitui um dos principais afluentes que formam a bacia hidrográfica do São Francisco. Além do solo fértil que compõe a maior parte das terras, destaca-se ainda o rico manancial de águas do Vale do Alto-Médio Paraopeba, como o Rio das Águas Claras, o Rio Manso e o Rio das Macaúbas, além dos ribeirões Sant'ana, São Mateus, Maré, Saúde, Serra, Porto Alegre, Contendas, São Caetano, Casa Branca, Feijão e Tejuco. É preciso ressaltar que uma série de atividades e ocupações ligadas ou não à atividade aurífera matizou a realidade mineira dos séculos XVIII e XIX. Saliente-se também que a maioria da população era constituída de escravos, “homens livres e pobres”, artesãos, pequenos agricultores e comerciantes.



Imagem da casa comercial "A Fidelidade" (final do século XIX)

Fonte: Arquivo Municipal de Bonfim/MG

A decomposição da imagem em três categorias de análise

1) Origem e historicidade da imagem

Qual seria a intenção do retratista/fotógrafo (se é que ele teve alguma) de registrar aquele momento? Teria sido uma iniciativa do próprio Jovelino, no anseio de aproveitar a visita de um fotógrafo àquelas paragens longínquas do Brasil? Ou ainda: o registro teria partido de uma das pessoas que posaram para a foto e que pertenciam a uma família aparentemente abastada, com seu séquito de escravos ou agregados, vistos no centro da imagem?

Embora não se possa confirmar nenhuma das hipóteses acima levantadas, sabe-se, no entanto, que a visita de um fotógrafo era sempre bem-vinda, principalmente pelos grupos privilegiados da sociedade. Tratava-se de um momento raro, no qual se podia registrar a família reunida, as festas (de nascimento e casamento) e também a

morte (BORGES, 2003). Seja qual tenha sido o motivo, a imagem deixa transparecer as sutilezas e particularidades de uma região mineira. Ao mesmo tempo, revela o cotidiano das vilas oitocentistas, com suas rotinas e singularidades.

Vejamos como homens, mulheres e crianças estão representados e dispostos. Um aglomerado de vinte pessoas agrupadas em frente ao armazém constitui o foco da imagem. Chama atenção o nome do estabelecimento – “A Fidelidade” –, que encima o de seu proprietário, Jovelino de Souza Parreiras, escrito na fachada da venda, e de uma maneira singular (com as letras entremeadas pelas cinco portas da frontaria da venda). A alcunha “Fidelidade”, bastante alusiva, indicaria ao “cliente” que aquele estabelecimento comercial diferia dos demais, por inspirar confiança, certeza, veracidade, lealdade e constância. Essas qualidades eram consideradas dignas e necessárias para o sucesso comercial, do simples comércio de secos e molhados, passando pela economia

de mercado, até as mais complexas relações capitalistas. (BRAUDEL, 1995).

2) Sistema social, enquadramento e plano da fotografia

A hierarquia social e a posição dos indivíduos pobres e abastados podem ser identificadas no enquadramento dos homens, mulheres e crianças retratados na fotografia em estudo. Do lado esquerdo da imagem, encontra-se um grupo de mulheres e crianças negras, com vestidos brancos e pés despidos. É provável que estivessem, de algum modo, ligadas (por meio do trabalho compulsório ou por relações de compadrio) à família que se encontra no centro da fotografia. As roupas feitas de algodão, a etnia africana (ou sua ascendência direta) e o fato de se posicionarem no canto esquerdo (à margem) sinalizam a condição social e a posição inferior que deveriam assumir naquela sociedade.

No outro extremo, do lado direito, vê-se um grupo formado por três homens (dois mulatos “quase brancos” e um negro) e dois meninos (um branco e outro negro). Eles estão ligeiramente afastados dos demais membros, o que faz pensar que poderiam pertencer a outro estrato social – o dos homens livres e pobres? A casaca, o chapéu de lebre, o cinto de couro e as botas destacam-se na vestimenta dos dois citados homens “mulatos quase brancos”. O homem negro de estatura mais baixa encontra-se, assim como as mulheres do outro lado da foto, descalço, e suas roupas denunciam um tempo considerável de uso. A aparência acanhada e simples sugere ser escravo ou, quem sabe, um agregado. Isso é indicativo de sua condição de escravidão e/ou submissão no que se refere a seus dois companheiros (os quais poderiam ser seus proprietários).

Se verificarmos detidamente as duas crianças postadas do lado direito do armazém, além da etnia (uma branca, outra negra), apresentam diferenças na vestimenta (uma com casaquinho, outra com uma blusa branca solta sobre a calça curta). Outro detalhe que não deve passar despercebido: o menino negro está descalço, enquanto o menino branco, além de usar botinas, deixa transparecer, em sua expressão corporal, a altivez daqueles que viviam em liberdade.

Vejamos agora o centro da foto. Nela se encontra uma família que, pela indumentária, parece fazer parte dos setores mais abastados daquela sociedade. Esse conjunto compõe, com os demais, uma interessante representação da estrutura social que se formou no Vale do Paraopeba, em fins do século XIX. (CHARTIER, 1990).

O casal retratado (a mulher com um imponente vestido preto e cabelos cuidadosamente penteados; o homem com roupas também pretas) deu origem a uma família numerosa, que aparece bem vestida e devidamente posicionada no centro da fotografia. Poderíamos pensar, assim, no *centro* daquela sociedade?

Vale lembrar que o período destacado caracterizou-se por profundas mudanças na ordem do trabalho (transição da mão de obra escrava para a livre). E, no domínio político-administrativo, destacaram-se a troca do regime monárquico pelo republicano e a mudança da capital mineira. Quanto à esfera social, a importância da etnia é fundamental para estabelecer fronteiras, não só econômicas, mas também culturais. Por isso, um mulato livre poderia ser proprietário de alguns bens e até de escravos. O fato de ser livre e possuir bens (propriedade e cativos) era o passaporte para sua inserção na sociedade: tornava-se um indivíduo “quase branco”! Isso

não quer dizer, porém, que barreiras sociais e políticas não limitassem suas ações no campo sociocultural (MATTOS, 1987).

Já o homem negro, de estatura baixa, descalço e mal vestido, ao lado do senhor branco (o provável chefe da família abastada) – levadas em consideração suas roupas, a tonalidade de sua pele e a maneira “casual” com que posou para o fotógrafo –, poderia muito bem ser um escravo. Como se tratava de um período de transição, esse indivíduo também poderia ser um agregado que morasse “de favor”, ou mesmo um trabalhador livre e pobre que dependia das mercês de outros.

Por fim, duas outras figuras sobressaem. O homem de aparência mais velha, ombros caídos e chapéu de aba larga, dentro do armazém, seria o Sr. Jovelino? Seu lugar na fotografia – ele está atrás dos demais membros retratados – coloca-o numa posição de observação. Ao mesmo tempo, demarca a individualidade, o comando, a situação de proprietário do estabelecimento, diferenciando-o dos demais ali dispostos e representados em grupos.

A última “personagem histórica” em destaque é uma criança negra que se encontra primeiro plano da fotografia. Descalça, veste uma calça curta, traz na cabeça um chapéu grande de palha e carrega nas mãos alguns objetos (infelizmente não identificáveis), o que só faz aguçar ainda mais a curiosidade do historiador. A posição aparentemente autônoma e separada dos demais membros pode indicar uma situação de orfandade. A infância penosa dos enjeitados, das crianças forras em testamentos, abandonadas nas “rodas” dos conventos e mosteiros, ou mesmo daquelas “beneficiadas” pela Lei do Ventre Livre (1871), constituía uma realidade muito comum no século XIX (DEL PRIORI, 2010).

A imagem captada deixa evidente que os estabelecimentos comerciais do passado (vendas, armazéns e lojas) detinham uma função social importante na vila e nas cidades brasileiras dos séculos XVIII e XIX. Frequentar esse ambiente possibilitava aos indivíduos estabelecer redes de sociabilidade, comprar o necessário e o “supérfluo”, como alimentos e artefatos de “todos os gêneros do País”. Necessidades, prazeres e frivolidades que, associados à bebida, ao mexerico, à música e à dança, marcavam o ritmo e a vida das localidades mineiras.

3) O sistema econômico e a estrutura material

Do mesmo modo que afloram das análises aspectos sociais e culturais da sociedade em questão, podem-se aferir algumas características econômicas e materiais, bem como o sistema de trabalho vigente no Vale do Paraopeba, na época aqui enfocada. Os objetos e artefatos suspensos nos umbrais das cinco portas do armazém compõem um panorama da cultura material. Permitem conhecer em detalhes o que aquela sociedade consumia, suas necessidades, desejos, aspirações e, principalmente, sua ligação com a economia de mercado.

O que o Sr. Jovelino achara digno de expor a seus fregueses? Maços de algodão, peneiras para construção, chapéus, tachos de cobre, guarda-chuvas, sombrinhas e paletós (casacas) são alguns dos utensílios ostentados pelo proprietário do armazém. Nota-se que, além dos itens necessários à sobrevivência da comunidade (como os vasilhames de cozinha e o algodão para fazer roupas), estão expostos ainda artefatos “supérfluos”, como as sombrinhas. Marca registrada do cuidado feminino, protegiam do sol e do calor as mulheres da época.

Fonte primária de natureza diversa – como os inventários *post-mortem* –, mostra que, nos armazéns do século XIX, encontrava-se quase tudo o que aquele e outros mundos ofereciam: aviamentos de armarinhos, cereais, louça inglesa, vinhos do Porto, especiarias, artigos de luxo (como sabonetes finos, xales adamascados e perfumes), *sapatos para homens pretos* e *sapatos para homens brancos*. (MARTINEZ, 2007). Vendiam-se também “escravos de ambos os sexos”, como atesta a Casa da Barateza, na cidade de Bonfim, em 1879.⁵ Enfim, identificam-se uma intensa circulação de mercadorias (objetos vindos da Corte do Rio de Janeiro e de outros centros) e uma dinâmica produção local (algodão com que se faziam excelentes tecidos, por exemplo).

Neste caso, a imagem não é apenas uma confirmação dos dados encontrados nas fontes cartorárias, nas listas de compra, nos censos demográficos e nos jornais de época. Como nenhuma outra fonte é capaz de fazer o suporte imagético projeta um quadro plástico de uma sociedade e de uma economia de abastecimento interno de base escravista em transição. A imagem deixa transparecer as sutilezas de sua hierarquia, marcada pelas fronteiras da “cor”/etnia (brancos, negros e mulatos) e da condição social (livres, escravos e forros). Fronteiras essas que valorizavam e qualificavam a situação material dos membros e grupos sociais, como se pôde observar na foto da venda de “secos e molhados” do Sr. Jovelino de Souza Parreiras.

Por outro lado, deixa revelar detalhes do cotidiano que poderiam, em outros documentos, passar despercebidos. O vestido de cor preta usado pela senhora que carrega a criança e está postada no centro da fotografia muito se difere da vestimenta branca (provavelmente de algodão “feita cá mesmo”⁶) usada pelas negras e mulatas. Estas estão descalças, à margem esquerda do retrato e – por que não? – da sociedade. O mesmo se verifica nas vestes (casacas pretas contrastando com as calças curtas de algodão) e nos calçados masculinos de adultos e crianças (MARTINEZ, 2006).

Considerações finais

Mantas de algodão usadas nas montarias, peneiras com suas múltiplas utilidades, chapéus de sol, tachos de cobre, sombrinhas e roupas, exibidos nas portas do mencionado estabelecimento comercial, indicam a variedade de produtos acessíveis à população do interior do Brasil no período aqui enfocado. Desde produtos de uso pessoal, como xales e chapéus de senhora, passando pelos utensílios de selaria e equipamentos de trabalho, até aos produtos de armarinho,⁷ uma coleção de artefatos e objetos do dia a dia apresenta-se ao pesquisador. Nessa verdadeira galeria, é possível investigar, detidamente, como as famílias se alimentavam e se vestiam. O “supérfluo” e o necessário (as ferramentas de trabalho) revelam não só estilos de vida, mas também importantes aspectos do mercado interno e da economia mineira na passagem do século XIX para o XX.

⁵ Ver Arquivo Municipal de Bonfim/MG, CPO 88 (13), 1879. Bonfim.

⁶ A expressão “feita cá mesmo” é muito encontrada nas fontes cartorárias mineiras do século XIX. É geralmente utilizada para distinguir os objetos importados de outros centros, como a praça do Rio de Janeiro, daqueles produtos fabricados na própria localidade. Nesse rol, destacam-se principalmente os produtos feitos com algodão e madeira, além dos vasilhames de barro e pedra-sabão, tão comum em Congonhas do Campo, localidade próxima à região e ao vale em destaque neste artigo.

⁷ Algumas notas de compra, anexadas aos inventários *post-mortem*, foram exploradas na tese de doutorado de MARTINEZ, 2006.

A imagem da venda do Sr. Jovelino de Souza Parreiras, localizada no distrito de Rio Manso, tornou-se não só reveladora de uma das facetas socioeconômicas da antiga província mineira em questão, como também permitiu matizar aspectos culturais e econômicos de uma maneira que as fontes escritas jamais permitiriam. Aparece, em decorrência, uma sociedade com traços marcadamente escravistas e patriarcais (no caso das famílias abastadas). Não como uma imagem translúcida refletida no espelho; ao contrário, a imagem (re)produziu reflexos heterogêneos de uma sociedade hierarquizada e plural.

A economia, a cultura e a sociedade apresentam matizes às vezes difíceis de captar. Por isso, mais que uma expressão única, cristalizada por uma das mais importantes invenções do século XIX, a imagem analisada aqui possibilita examinar não uma realidade estática e congelada no tempo, mas aquela que o olhar (o meu olhar, no caso) (re)construiu por intermédio, principalmente, de uma problemática histórica: o fim de um mundo sustentado pela escravidão.

Bibliografia

- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*. (Tradução Telma Costa) São Paulo: Martins Fontes, 1995. v. 1 (As Estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível); v. 2 (Os Jogos das Trocas); v. 3 (O tempo do Mundo).
- CARVALHO, Vânia Carneiro et. al. Fotografia e História: ensaio bibliográfico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Nova Série, n. 2, jan/dez 1994, p. 235-300.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Perfeitos Negociantes. Mercado das Minas Setecentistas*. São Paulo: Annablume, 1999.
- DEL PRIORI, Mary. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FRAGOSO, João Luís Ribeiro; FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto. Mercado Atlântico, Sociedade Agrária e Elite Mercantil no Rio de Janeiro, c.1790 – c.1840*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARTINEZ, Cláudia Eliane P. Marques. *Cinzas do Passado: riqueza e cultura material no Vale do Paraopeba/MG (1840/1914)*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História. 2006.
- MARTINEZ, Cláudia Eliane P. Marques. *Riqueza e Escravidão: vida material e população no século XIX*. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2007.
- MATTOS, Ilmar R. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MAUD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e Fotografia. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *O fogão da Societé Anonyme Du Gaz. Sugestão para uma leitura de imagem publicitária*. São Paulo: Projeto História, 2000.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PAIVA, Clotilde Andrade. *População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX*. (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

PAULA, João Antônio de. *Raízes da Modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais. Nascimento do consumo. Séculos XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.